

‘Para seu próprio bem’: educação e castigo na obra de Alice Miller

'For your own good': education and punishment in Alice Miller's work

Roseli Zanon Brasil<sup>1</sup>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
[rosezanon5@gmail.com](mailto:rosezanon5@gmail.com)

Romualdo Dias<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
[diasro@terra.com.br](mailto:diasro@terra.com.br)

**Resumo:** Este texto é fruto de pesquisa bibliográfica na qual assumimos o objetivo de estudar a obra da psicanalista Alice Miller para compreender a sua crítica sobre a pedagogia e sobre a escola. Recolhemos em sua obra as análises sobre os maus-tratos cometidos contra as crianças, os seus efeitos na produção do ódio e a sua força na sustentação de uma cadeia de violência em toda a sociedade. Nos empenhamos em compreender o seu modo de conceber a reparação como uma forma de desfazer o ódio instalado na dinâmica de constituição do sujeito. Analisamos o quanto a crítica sobre a escola considera ou não a possibilidade de introduzir a reparação como parte dos processos educacionais. A iniciação nos estudos da obra de Alice Miller nos permite colocar em discussão possíveis contribuições dos saberes elaborados pela Psicanálise para o estabelecimento de um horizonte de colaboração com a Educação em seu empenho para responder aos desafios colocados à escola na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação; Maus tratos.

**Abstract:** This text is the result of a bibliographic research in which we assumed the objective of studying the psychoanalyst Alice Miller's work to understand her criticism about pedagogy and about the school. We have collected in her work analyzes of children's mistreatment, their effects on hatred's production and their strength in sustaining a violence

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil.

chain throughout society. We have strived to understand her way of conceiving reparation as a way of undoing the hatred installed in the dynamics of a subject's constitution. We analyzed how much the criticism about school considers or not the possibility of introducing reparation as part of an educational processes. The initiation in the studies of Alice Miller's work allows us to discuss possible contributions of knowledge elaborated by Psychoanalysis for a establishment of a horizon of collaboration with Education in its effort to respond to challenges posed to school in contemporary society.

Keywords: Psychoanalysis; Education; Mistreatment.

## Introdução

Inicialmente de forma intuitiva e, mais adiante, de forma científica descobrimos que toda ação, e também toda palavra, tem sua origem no desejo. O desejo de realizar algo, de ter ou de escrever algo, desejo de ser, de proferir, de amar, de viver. Desejo esse que, hoje sabemos, brota da falta e, por inteligente manobra da psique humana, na maioria das vezes, está guardado no inconsciente. Uma falta que traz potência ao desejo.

Assim, a pesquisa que ora apresentamos nasce exatamente de um desejo. Desejo de nos envolvermos em descobertas, certezas e incertezas sobre os processos de constituição do sujeito e sobre os processos educacionais. Quiçá nos envolvermos com os dois ao mesmo tempo numa sempre presente tentativa de pensar a Educação a partir dos princípios da Psicanálise. E pensar, também, as ‘diversas psicanálises’ a partir de nossas experiências com e na Educação.

As inquietações que dão origem a essa pesquisa são, fundamentalmente, as seguintes: os processos de constituição do sujeito e os processos educacionais se encontram? Articulam-se? Se sim, de que forma? Quando? Como? Em que situações? E se não se “afetam”, por quê? Por que os dois percursos não se cruzam se estão lidando com o mesmo sujeito?

Em seu texto “Mal Estar na Civilização” Freud diz que “A educação se comporta como se equipasse pessoas de uma expedição polar com trajes de verão e mapas dos lagos italianos.” (FREUD, 1929, p.137). Diante dela a nossa curiosidade em refletir e pesquisar em que laços a Psicanálise e a Educação se enlaçam e como elas dialogam foi crescendo ainda mais. Que Educação é essa que, segundo Freud, ao invés de se comportar de forma a barrar o desejo de morte, encaminha as crianças para um vale frio e gelado sem nenhum recurso para lidar com ele? Uma Educação que deveria avivar a vida, a alegria e as descobertas, mas, ao contrário, encaminha a criança e o jovem para o esgotamento e a destruição?

“Não assinalar”, “não apontar”, “não direcionar”, “não conduzir”... Pensamos se não é exatamente por isso que a Psicanálise, na esteira de Kant, aponta os três impossíveis: governar e educar e mais tarde foi acrescentado o esforço em psicanalisar! São três ações impossíveis, pois utilizam, por excelência, a palavra como ferramenta principal. E, diferente do que alguns possam pensar, como o inconsciente não está nas profundezas, mas sim “na ponta da língua”, o nosso desejo inconsciente é expresso, também, na palavra que proferimos ao outro. Portanto, assinalar, apontar, direcionar, conduzir, ordenar o que deve ser feito, seja na

Educação ou em qualquer outra área, não está nos princípios da Psicanálise, pois se há uma impossibilidade de controlar os efeitos das nossas intervenções, da nossa fala sobre nós mesmos, imagine, sobre os outros. É realmente da ordem do impossível.

O primeiro livro de Alice Miller que tivemos contato traz em seu título a instigante tradução de: “No princípio era a Educação”. Mais instigante ainda nos pareceu o título, no original, que é: “Para seu próprio bem”. Assim, continuamos a nos indagar: Para o bem de quem? De qual bem se trata? Como entender esse título no confronto com as ideias freudianas de que não existe o bem estar o tempo todo e de que estamos num constante mal estar? O que esta autora, psicanalista, judia e polaca teria a nos dizer sobre a Educação? Quais são suas teses? Teria ela críticas à Educação e à forma como a escola se organiza? Nas leituras iniciais verificamos que Miller vai para além das críticas à escola e das análises educacionais. Como psicanalista ela analisa os processos de constituição do sujeito a partir da produção da ferida na dignidade da criança gerada por maus tratos cometidos por adultos. Portanto, aborda a questão dos maus tratos infantis, a produção do ódio e a cadeia da violência envolvida nos processos de subjetivação na escola e na sociedade.

Assim, estabelecemos que o objetivo prioritário da pesquisa é entender, no conjunto da obra de Alice Miller, de que forma ela aborda essas questões e como pensa que deve ser a contribuição da escola na reparação dessas feridas na dignidade das crianças.

### **Alice Miller: os traumas da infância e a dor humana**

Alice Miller dedicou sua vida e seus estudos à tentativa de compreender a dor humana a partir do princípio do trauma da infância. Defendia a tese de que as vítimas de toda ordem de maus tratos na infância poderiam se libertar das consequências dos mesmos a partir do momento em que conseguissem enfrentar a verdade da infância por meio da lembrança e do relato de cenas relacionadas aos maus-tratos, violência, abuso sexual e outras tantas situações que desencadeiam sentimento de humilhação e culpa, compreendidas sempre como sendo as experiências que ferem a dignidade da criança. Para ela, maus-tratos dizem respeito a abusos tão violentos que estão para além das agressões físicas. Diz ela,

Mas o que descrevo neste livro e ao qual dou o nome de maus-tratos, são ainda mais lesões da integridade psíquica da criança que, no início, permanecem INVISÍVEIS. Suas sequelas geralmente só se manifestam décadas depois, e mesmo assim o vínculo com ferimentos sofridos na infância raramente é estabelecido e levado a sério. As pessoas envolvidas, assim como a sociedade (médicos, advogados, professores e, infelizmente, também muitos terapeutas), não querem saber nada sobre as origens desses "problemas" posteriormente ou sobre alguns "comportamentos bizarros" que exigem voltar para a infância. (MILLER, 2005, s/p).

Para ela, enquanto, no presente, não nos depararmos e confrontarmos com nossas angústias de infância, o passado insistirá em se fazer presente. E enquanto não buscarmos a dor original, o corpo sabiamente faz

essa dor se tornar notada através de sintomas e/ou doenças como demonstra em seu livro ‘A Revolta do Corpo’ (2011).

Com Miller reafirmamos a concepção de que todas as crianças, mesmo as mais maltratadas, sentem a necessidade, ou a ilusão, de serem amadas. Para que uma criança se desenvolva naturalmente, ela precisa de respeito e compreensão sobre suas necessidades e sentimentos. Esse respeito e compreensão devem vir de todos que com ela convivem: seus pais, cuidadores, professores e familiares. Através do conhecimento da nossa história e nossos sentimentos, pode-se conhecer a pessoa que somos, como sentimos, o que sentimos, porque sentimos e como nos relacionamos.

Com ela também entendemos que é possível que um adulto que tenha sofrido maus tratos (físicos e/ou emocionais) na infância, por seus pais, familiares, cuidadores e professores, por via dos princípios (ou dos resquícios) de uma pedagogia cruel e violenta, deles se liberte e não reproduza os mesmos métodos e sentimentos em relação a seus filhos e netos. Mas, para que isso aconteça ela adverte,

Não podemos resolver os problemas de abuso com terapias que evitam os fatos e estão limitados a fantasias. Mas podemos nos libertar desses traumas, se estivermos dispostos a confrontar emocionalmente a verdade de nossa infância, abandonar a negação de nosso sofrimento, desenvolver empatia pela criança que éramos e entender as razões para isso: nossos medos. É assim que podemos nos libertar do peso das ansiedades e sentimentos de culpa que carregamos em nossos ombros desde a juventude. Através da descoberta de nossa história e de nossos sentimentos, conhecemos a pessoa que somos e aprendemos a dar o que eles absolutamente precisam, mas nunca receberam dos pais: amor e respeito. (MILLER, 2006, s/p).

Por meio de Alice Miller também nos encontramos com Katharina Rutschky, autora da obra “Pedagogia Negra” (1977)<sup>3</sup>. Em seu livro “No princípio era a educação” (ou “Para seu próprio bem”, título no original), Miller faz uso intenso da obra de Rutschky para sustentar toda uma batalha contra os maus-tratos infantis. Aqui pedagogia “negra” diz respeito aos procedimentos educativos que, segundo ela, buscam transformar a criança em pessoa dócil e obediente a qualquer custo mesmo que, para isso, tenham que usar de punições, chantagens ou ameaças emocionais e das diversas formas de abusos físicos. Para ela, trata-se,

---

<sup>3</sup> Queremos aqui compartilhar nossa reação ao título do livro de Katharina Rutschky: Pedagogia Negra. Obviamente que, sendo brasileiros e, por isso, fazendo parte de uma cultura caracterizada pela miscigenação e, além disso, sendo participantes de encontros e grupos que discutem as questões raciais, o colonialismo, o preconceito e a segregação de pessoas e grupos, excluídos por serem categorizados como raças, não pudemos deixar de nos espantar com a associação do conceito Pedagogia “Negra” aos desvirtuamentos da escola e da educação em geral, especialmente ao uso de castigos de toda ordem. E, pensando, com Freud, que criar uma raça é recalcar outras raças, que criar raça faz parte do extermínio do outro e, tendo em conta que, em nossa sociedade, ser negro é ser um ‘não-outro’, ou dito de outra forma, um ‘outro descaracterizado’, não foi possível, deixarmos de sentir intenso mal estar e, nas palavras do poeta, um desassossego. Portanto, esclarecemos que faremos uso do termo “negro (a)” sempre entre aspas, pois entendemos que o mesmo foi utilizado por Katharina Rutschky de forma negativa e com a qual não compartilhamos. Entendemos que, sendo Rutschky alemã e escrevendo na década de 70 do século XX, teve razões históricas e culturais para a utilização do termo “negro” nesta acepção. Contudo, entender não significa concordar. Principalmente diante dos atuais acontecimentos no Brasil e nos Estados Unidos em que se desclassifica, oprime e mata, de maneira explícita, negros e negras.

na verdade, de uma tentativa de dominar a vontade da criança. E disso conclui que a violência da pedagogia “negra” não faz mais que semear a submissão e mais violência.

Assim, os estudos e investigações sobre a obra e as ideias de Alice Miller que apresentamos visam colocar-nos nessa discussão ao tratar sobre o papel do ambiente escolar como possível colaborador na manutenção da cadeia da violência fazendo um confronto entre a sua concepção de psicanálise e a sua crítica sobre a escola.

Seus estudos aprofundados sobre a teoria psicanalítica assim como a sua atuação clínica encaminham-na no sentido de tornar-se crítica de Sigmund Freud (1856-1939) sem, contudo, impedir-lhe de continuar admirando seu mestre. Porém, na sociedade da época, marcada pela égide masculina, patriarcal e autoritária, essas críticas tiveram forte impacto e renderam-lhe uma recomendação para que se desligasse da Associação Psicanalítica Internacional de Berlim.

Sua vida intelectual fora marcada por transgressões de toda ordem. A começar por seus questionamentos acerca de uma teoria considerada inquestionável, especialmente, em seus aspectos fundantes: a psicanálise. Contudo, havia muitas dúvidas que a assolavam desde a infância, quando ainda nem imaginava conhecer Freud e sua doutrina. Era outra doutrina que a inquietava em sua infância: a doutrina cristã ocidental. Portanto, desde pequena ela levantava intensos questionamentos sobre os dogmas (e também sobre as explicações sobre a vida e as pessoas) do cristianismo ocidental.

Para que nos aproximemos um pouco mais das ideias e questionamentos de Alice Miller apresentaremos, a seguir, duas de suas obras publicadas no Brasil e, assim, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre seus principais temas e conceitos, possamos dar mais alguns passos em nossas investigações sobre os possíveis laços que unem a psicanálise e educação.

## **O Drama da Criança Bem Dotada – Como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**

Nesta obra a autora narra suas primeiras preocupações e anseios no que diz respeito aos cuidados e atenções que se deve ter na infância a fim de que se edifiquem adultos saudáveis e com capacidade de dar e receber amor e afeto.

Ela começa por nos dizer que a única forma de combatermos as doenças mentais será por meio do conhecimento e da aceitação da verdadeira história da nossa infância. Conhece-la é essencial para que nos tornemos livres das amarras invisíveis de uma infância que, por ser sem amor e recheada de situações que foram reprimidas, nos aprisiona. Se as lembranças de uma infância traumática permanecem na escuridão, nela também ficarão todas as possibilidades do entendimento e busca de uma vida adulta livre e feliz.

Nesse sentido Miller nos apresenta a infância como um período da nossa vida em que estamos totalmente à mercê, à disposição de nossos pais. Em nós eles depositam todos seus anseios, desejos e, também, suas insatisfações e frustrações. Para ela “Podemos educar um filho para que ele se torne o que gostaríamos que fosse. Podemos usar o filho para ganharmos respeito, para confiarmos a ele nossos próprios sentimentos, para nos espelharmos em seu amor e deslumbramento, para nos sentirmos fortes a seu lado

(...)” (p.22). Ao perceber isso, a criança abdica de expressar todas as suas angústias e passa a bloquear os sentimentos de abandono e solidão. Essa acomodação às necessidades dos pais leva, em geral, embora não seja uma regra, ao desenvolvimento do chamado falso self. Ou seja, ela passa a ter uma postura na qual demonstra não aquilo que ela realmente é, mas, em contrapartida, assume uma condição de ser como esperam que ela seja, fundindo-se a essa imagem. Ocorre que, desenvolvendo-se dessa forma, o vazio, a falta de sentido na vida e o desenraizamento serão inevitáveis. Assim, a integridade, vivacidade e espontaneidade da criança ficam abaladas e certamente terão consequências em sua vida futura.

Quando a criança desconhece a verdade da sua infância e aceita, para não perder o amor de seus pais, deixar de viver e expressar sua raiva e ódio, ela “mata” a si mesma. Essa impossibilidade de vivenciar seus próprios sentimentos de raiva e ódio frente a maus tratos ou castigos de toda ordem dificultam o desenrolar natural do processo de individuação, ou seja, não há a dissolução do vínculo entre pais e filhos. Destaca-se que o processo de individuação é extremamente importante e decisivo para a conquista de uma vida psíquica saudável, tanto das crianças quanto dos pais. A ausência dele leva as pessoas a manterem-se na dependência dos pais ou ainda daqueles que representam, em certa medida, esses pais frágeis e, portanto, autoritários.

Na sequência da solidão dentro do lar vem a solidão e o isolamento dentro de si mesmo. Os adultos se veem diante de sentimentos que os deixam na condição de isolamento, porém, com ajuda terapêutica, poderão vencê-los tendo de volta a vivacidade perdida da e na infância. Poderão entender que não eram amados pelo que realmente eram, mas pelo que demonstravam ser para não perder o suposto amor de seus pais.

Miller afirma, apoiada também em Winnicott, que é necessário que a mãe olhe para seu filho/a como ele/a realmente é, e não como uma criança que ela deseja. Ou seja, a mãe (e o pai) deve olhar para o filho/a abrindo mão de suas expectativas, medos e planos para ele/a, do contrário, essa criança não se reconhecerá em sua mãe e não desenvolverá um sentimento saudável de si mesma resultando numa busca por encontrar-se por toda a sua vida.

Para ela (e para os demais psicanalistas) o sentimento saudável de si mesma é o reconhecimento de que os seus sentimentos e os desejos são seu verdadeiro self. Reconhecimento indispensável para que essa criança, quando adulta, tenha equilíbrio emocional e auto estima. Assim, poderá expressar livremente seus sentimentos sejam eles de alegria, tristeza, medo ou desespero. Poderá “expressar-se, independentemente de ser amada ou odiada por isso.” (p. 41). Os diagnósticos de depressão, falta de sentido da vida, solidão se revelam frequentemente como uma perda ou estranhamento de si mesmo. Perda essa cujo início se dá numa infância na qual a criança não é vista por seus pais como ela realmente é, mas sim como eles desejam que ela seja.

Assim, a depressão ou a tendência depressiva tem sua origem na infância, quiçá nos primeiros meses de vida, quando o bebê não pôde vivenciar reações emocionais, sensações e sentimentos próprios como raiva, dor, prazer, descontentamento em relação ao seu próprio corpo (como a fome, por exemplo), pois havia um temor de perda da atenção e do amor da mãe ou dos pais. “Às vezes, ouvimos mães contarem, orgulhosas, que seus recém-nascidos haviam aprendido a enganar a fome e, amorosos e tranquilos, esperavam calmamente pelo alimento”. (p. 49). Assim empreendemos que as doenças psíquicas nem sempre

derivam de maus tratos como surras, espancamentos ou abuso sexual. A ausência de amor, atenção e escuta pelos reais desejos das crianças configuram-se também como maus tratos e podem ser causas plausíveis do desencadeamento de uma série de problemas psíquicos.

Miller nos alerta também para a questão dos desdobramentos na vida de um adulto que, quando criança, percebeu seus sentimentos serem constantemente humilhados e desprezados por seus pais. Quando os pais, por exemplo, ao invés de entender e respeitar os sentimentos de medo ou tristeza do filho, inoportunamente, orientam-no para que não sinta medo e nem tristeza alegando que estarão sempre ali juntos a ele. O que é uma inverdade, pois, os pais nem sempre estarão por perto quando os filhos sentirem-se amedrontados ou tristes. Além disso, sem perceber, desprezam os sentimentos do filho que, naquele momento, apareceram por algum motivo bastante particular e específico. Convém salientar que, em muitos casos, os pais não se dão conta de que estão humilhando ou desprezando sentimentos tão genuínos de seus filhos ou filhas e o fazem, na maioria das vezes, na tentativa de protegê-los/as. Para Miller, porém, essa atitude travestida de proteção esconde, na verdade, sentimentos inconscientes da própria infância dos pais. É como se fosse um círculo vicioso. A esse círculo vicioso coaduna-se seu conceito de compulsão à repetição de atos e sentimentos vividos na infância: aquela criança que teve seus sentimentos diminuídos, desprezados ou humilhados pelos pais (que naquele momento representavam autoridade e eram sinônimos da única fonte de amor e proteção), em outro momento, numa condição de defender-se e ocultar seu antigo sentimento de impotência diante dos pais, repetirá as atitudes de desprezo e humilhação com um irmão ou amiguinho menor que, para ele, representa maior fraqueza e vulnerabilidade. Ou então, quando já estiver adulto, repetirá as mesmas ações de seus pais para com seus filhos. Esse círculo se romperá apenas “Quando o desamparo e a raiva do passado se tornarem uma experiência consciente [...]” (p.76).

## **No Princípio era a Educação**

Nesta obra, Miller busca dialogar e sensibilizar o público para a atenção e o olhar diferenciado que se deve ter diante do sofrimento da primeira infância. Deste modo, num primeiro momento dirige-se à criança que existe no leitor adulto de hoje relatando como foram os métodos de educação pelos quais seus pais e avós foram educados, ou seja, apresenta a pedagogia “negra” e, assim, busca entender por que as crianças foram privadas de amor, cuidado e atenção. Para ela os pais precisam se encontrar com a criança que há neles e com seu próprio sofrimento de infância. Do contrário não poderão entender seus próprios filhos. Depois, ela descreve a infância repleta de graves humilhações e abusos de uma pessoa dependente de drogas, de um dirigente político e de um assassino de crianças<sup>4</sup>. Por meio dessas descrições e análises ela comprova o quanto a educação (conduzida pelos pais, pela escola ou por ambos), quando preenchida de maus tratos, olhares de proibição e desprezo, pode devastar toda uma infância e, assim, trazer graves prejuízos à

---

<sup>4</sup> A saber: Christiane F., Adolf Hitler e Jürgen Bartsch.

vivacidade dos filhos<sup>5</sup> e, conseqüentemente, torna-los uma ameaça e um perigo para toda uma sociedade, pois são nesses casos que surgem as perversões, distúrbios e neuroses obsessivas. Conhecer, portanto, as conseqüências dos maus tratos infantis podem conduzir, segundo ela, “... à mudança radical da nossa sociedade e, sobretudo, à libertação da cega escalada da violência” (p.5).

Ao começar a nos apresentar a pedagogia “negra”, Miller ressalta que o fato de conhecermos intelectualmente todas as leis do desenvolvimento infantil não resguarda, pais e professores, de sentir raiva quando um determinado comportamento da criança não corresponde às nossas expectativas ou então quando esses mesmos comportamentos ameaçam os nossos mecanismos de defesa. Estamos expostos a esse tipo de sentimento e precisamos reconhecê-lo.

Porém, com a criança acontece diferente, pois ela tem pouca trajetória de vida e poucas (quase nenhuma) experiências vividas nesse sentido. Quando bebê ela (re)conhece apenas seus pais e, para com eles, sua tolerância é ilimitada. Ou seja, à espera de amor e proteção, aceitam tudo como verdades. As crueldades físicas e psíquicas dos pais ficam protegidas no amor incondicional da criança por eles e fortemente escondida sob a palavra “educação”.

Por meio do livro de Katharina Rutschky<sup>6</sup> (1977) intitulado *Pedagogia Negra* (Schwarze Pädagogik, em alemão), Alice Miller entra em contato com uma série de textos sobre Educação nos quais fica claro como se davam, aos pais e professores, orientações de utilização de técnicas de condicionamentos no sentido de privar as crianças de perceberem os maus tratos cometidos sobre elas. Essa compilação de textos educacionais escritos e publicados nos séculos XVII e XVIII apresentados por Rutschky confirmam, segundo Miller, suas teses sobre as conseqüências nefastas da violência e maus tratos infantis no desenvolvimento psíquico das pessoas observadas e analisadas, até então, em sua clínica psicanalítica.

Para ela, esses textos ‘orientadores’ objetivavam apresentar técnicas para “adestrar” não apenas as crianças, mas também, os adultos (pais e professores), no sentido da não-percepção de seus sentimentos diante das ações e intenções dos outros em relação a eles. Como toda técnica de adestramento e condicionamento visava o não-sentir, o não-perceber e, mais que isso, o conseqüente não-questionar, ou seja, a aceitação irrestrita dos atos cometidos contra os considerados pequenos e indefesos.

Os textos educacionais dos séculos XVII e XVIII querem reforçar a análise do quanto a Pedagogia “Negra” prima pela repressão da vivacidade e da alegria das crianças. Esse “método” orienta firmemente os professores e pais que não tolerem questionamentos, críticas ou expressões verdadeiras de sentimentos das crianças e, para isso, indica que eles utilizem vários meios para fazer com que a criança entenda o seu lugar na família e na escola, a saber: mentiras, armadilhas, manipulação, instituição do medo, privação de amor e atenção, humilhações, violência física, isolamento, desprezo e vergonha.

---

<sup>5</sup> Ressaltamos que quando Alice Miller utiliza os termos “pais” e “filhos” não se refere a pessoas específicas, mas, antes disso, “a circunstâncias e situações comuns ou jurídicas que dizem respeito a todos nós, porque todos os pais já foram crianças um dia, e as crianças de hoje, em sua maioria, um dia serão pais.” (p. 4).

<sup>6</sup> Katharina Rutschky (25 de janeiro de 1941 - 14 de janeiro de 2010) foi uma educadora e autora alemã. Ela cunhou o termo *Schwarze Pädagogik* (literalmente Pedagogia Negra) em seu livro homônimo de 1977, descrevendo a violência física e psíquica como parte da educação (uma noção elaborada alguns anos depois por Alice Miller).

Diante disso tudo uma das questões que surge é: o que acontece com essas pessoas que foram educadas sob a égide dos princípios da Pedagogia “Negra”? Para Miller, a falta de amor, o desamparo e, principalmente, o ódio pelos malfeitores (proibidos de serem percebidos e, portanto, proibidos de se expressarem na infância) não se extingue “[...] mas se transforma com o tempo num ódio mais ou menos consciente contra si próprio ou contra outras pessoas substitutivas [...]”. (p.74). Como estudiosa dos maus tratos e suas consequências para as pessoas e sociedades, Miller se debruçou, também, no estudo de biografias de alguns dirigentes e líderes de sistemas fascistas e totalitários. Ela relata que não encontrou entre eles uma única liderança que não tivesse sido educada de forma rigorosa e dura. “Será que isso não deveria nos fazer pensar um pouco?” (p.78), nos propõe.

A autora avigora a ideia de que, em nome da educação, pais e professores aceitam que sejam utilizados todos os meios para que as crianças sejam obedientes, bondosas, honestas, humildes, gratas, compreensivas e que, também, não sejam egoístas, teimosas e obstinadas. Por “todos os meios” podemos entender que vale impor, mentir, dissimular, humilhar, assim como, fazer uso da violência física. Atos legitimados pela família, pela escola e pela tradição judaico-cristã. Vale acentuar que, caso a criança não se sinta confortável sendo humilhada e agredida, ela não terá permissão, em hipótese alguma, de sentir raiva ou ódio por seus professores ou pais, pois essa mesma tradição judaico-cristã não consente que ela desonre seus pais, forçando-os a ama-los e obedece-los incondicionalmente. Mas, não se estabelece amor por decreto. As crianças humilhadas e expostas a maus-tratos sentem raiva pela situação a que são submetidas e pelas pessoas que a realizam, sejam elas seus próprios pais ou professores. Contudo, a raiva não pode ser expressa, vivenciada. Assim, teremos adultos que reproduzirão violência e ódio. “Essa é a ordem desumana e trágica da compulsão inconsciente à repetição.” (p.79).

Quando, porém, às crianças é autorizado vivenciar e demonstrar seus sentimentos, seja de amor quando se sentir amada ou de ódio diante das dores, ofensas e humilhações que recebe de seus pais ou professores, elas se tornarão adultos que irão manter essa capacidade de reagir adequadamente quando alguém lhe fizer mal ou bem. Compreenderão, por exemplo, que a raiva é um entre tantos sentimentos e que, portanto, é passível de ser sentido e expressado em relação a qualquer pessoa, mesmo àquelas que supostamente nos amam. Ela não se tornará um adulto violento.

Assim vemos, com Miller, que os mecanismos psíquicos da Pedagogia “Negra” são os fenômenos de segregação e projeção. Fenômenos esses que, de alguma forma, libertam as crianças (quando adultas) das dores e consequências de uma educação alicerçada no medo, na obediência e na repressão.

A convicção pedagógica de que devemos “conduzir” a criança desde o início numa direção origina-se na necessidade de segregar as partes inquietantes de nosso próprio interior e de projetá-las num objeto disponível. A grande capacidade de adaptação, a flexibilidade, a impossibilidade de defender-se e a disponibilidade da criança a tornam o objeto ideal de tal *projeção*. *O inimigo interno pode finalmente ser perseguido externamente.*<sup>7</sup> (MILLER, 2006, p.105).

---

<sup>7</sup> Grifos da autora.

Mas, há saída para aquelas crianças que reconhecem, de alguma forma, os perigos do jogo de poderes da educação e das doutrinações familiares? Segundo psicanalistas de ontem e hoje, entre elas, Miller e Manonni, uma das saídas pode estar nas Artes. Por meio da Arte todo sentimento de impotência, medo, desespero, desamparo, compaixão, assim como as lágrimas e a raiva poderão ser expressas e reconstituídas e a construção do self será possível.

Para Miller toda educação é a imposição das necessidades do adulto sobre a criança. A satisfação dessas necessidades não apenas inibe a vivacidade da criança como, especialmente o impede. Quais necessidades seriam essas? Miller elenca as necessidades que fazem com que o adulto muitas vezes se iluda e acredite que está agindo em prol ao desenvolvimento da criança, mas, ao contrário, está roubando dela toda a possibilidade de crescer de forma saudável física e psiquicamente. Entre elas estão as necessidades de “[...] encontrar uma válvula de escape para as emoções repelidas, [...] preservar a autodefesa, isto é, a idealização da própria infância e dos próprios pais, [...] medo do retorno das coisas reprimidas, [...] a vingança pelos sofrimentos vividos.” (p.113).

Miller afirma que ao menos uma dessas necessidades movimenta o ato de educar. Assim sendo, a educação cumpre o papel de tornar o aluno *um bom educador*. Ensina-se a criança a repetir as ações de seus professores, ou seja, lhe é ensinado a praticar a humilhação, a zombaria e a promover a morte psíquica nas pessoas. Ela vê na educação um processo de “legítima defesa do adulto, a manipulação oriunda da própria falta de liberdade e da insegurança.” (p.115). Ainda que se possa compreender os motivos que levam os pais e professores a agirem dessa forma, é preciso ter ciência de que há riscos nesta inescapável forma de educar. O risco maior diz respeito a manter a criança na submissão, obediência e servidão. Porém, deixar a criança entregue à própria sorte também não é o caminho, visto que ela precisa de um acompanhamento físico e psíquico de um adulto. Todavia esse acompanhamento só obterá bons resultados se a atenção à criança caminhar no sentido de haver respeito aos seus direitos, tolerância para com seus sentimentos e disposição para aprender com seus comportamentos.

Educar é um processo que exige o reconhecimento da criança, uma abertura para ouvir o que ela nos comunica. “O aprendizado é resultado de prestar atenção; prestar atenção, por sua vez, nos leva a aprimorarmos a nossa atenção e penetrar o outro.” (p.117). Para educar o educador precisa estar aberto a aprender com a criança. E esse aprendizado se dará se houver empatia para com a criança e a recusa da implantação de protótipos e moldes. A empatia, assim, contribui significativamente para o aprendizado do adulto e da criança. Trata-se de um movimento dialético e dialógico.

Mas, a pergunta que nos vem à mente é sempre a mesma: como interromper esse círculo vicioso? É possível interrompe-lo? Para Miller, enquanto a criança não se der conta de que é maltratada e continuar ouvindo de seus pais, professores e da igreja que tudo o que fazem é *para seu próprio bem*, ou seja, que são medidas educativas para que ela se torne “*um adulto de bem*”, não será possível interromper essa cadeia. Ou seja, não é o trauma que fará com que a criança adoeça ou, quando se tornar adulta, irá fazer com que repita os maus-tratos que um dia recebera. Mas, adoecerá e será impelida compulsivamente a repetir quando não puder expressar tudo o que sofreu nem tampouco demonstrar os sentimentos de raiva, desespero, impotência, desamparo e tristeza que sentiu na ocasião e por anos a fio.

Sofrer por causa de uma frustração vivida não é nenhuma vergonha ou malignidade. Isso constitui uma reação natural e humana. Se, porém, tal reação é proibida de modo declarado ou implícito ou se até mesmo é rechaçada com violência e com surras como na “pedagogia negra”, então o desenvolvimento natural será impedido e serão criados os pressupostos para um desenvolvimento doentio.” (MILLER, 2006, p.289-290).

Vale se perguntar se há motivos que, mesmo explícitos, justificam ações de violência e tortura sobre adultos e crianças. “Não é o ódio vivenciado, mas sim aquele represado e rechaçado com a ajuda das ideologias que leva a atos de violência e destruição [...]” (p.292). E é exatamente essa ira não vivenciada e essa sustentação do silêncio por parte dos pais que faz com que a pessoa permaneça presa ao passado. Apenas quando o adulto conseguir viver com o passado e não contra ele, ou seja, quando tornar conscientes suas vivências de infância poderá se libertar e quebrar a cadeia da compulsão à repetição da violência.

### **Considerações finais**

O encontro com as teses de Alice Miller permite repensar a Educação e as práticas educacionais a partir de um olhar atento para a criança e para seu sofrimento. Encaminha na busca de respostas para verificar se a escola tem possibilidades de atuação no processo de reparação na ferida da dignidade da criança. E se ela, sabendo articular a educação e o ensino, poderia constituir-se como um ambiente reparador, quais seriam os seus alcances, seus limites, suas contribuições e suas contradições. Obviamente que, para isso, o mergulho nas teses de Miller sobre as relações entre os maus-tratos infantis, a produção do ódio e a cadeia de violência como fatores geradores da ferida na dignidade da criança é fundamental. É preciso também retomar as ideias de Freud por meio dos textos em que ele pensa a cultura e também aqueles em que ele, de forma direta ou indireta, pensa e investiga a educação para, a partir daí, pensarmos se a Psicanálise, em seus princípios fundantes, já apontava para essa perspectiva.

Quando Miller apresenta o estudo psicanalítico (baseado também em sua experiência clínica) sobre a infância, nos alerta que as experiências vivenciadas nesse período de nossas vidas exercem forte influência em nossas vidas futuras, ou seja, na idade adulta. Ela também nos re-lembra que a infância nos impõe certa obrigatoriedade de amor incondicional a nossos pais ou cuidadores, pois, para nós, naquela fase de nossas vidas, são eles que, de acordo com as teses psicanalíticas, ‘sabem tudo sobre todas as coisas e sobre nós’. Além disso, quando crianças, temos certeza de que é deles que virão todas as nossas possibilidades de receber amor, amparo e compreensão. Apenas deles! E que é exatamente por causa desse amor incondicional a eles dedicado que somos gratos, obedientes, apaixonados e criamos expectativas de que esse amor seja generosamente correspondido. Ocorre que esse amor nem sempre vem da forma como a criança necessita e espera. Ao invés de amor a criança recebe agressões e privações de toda ordem. À criança resta apenas acreditar que aquelas atitudes são, sim, demonstrações de amor dirigidas a ela pelos pais. Somente mais tarde poderá entender que não era amor, nem cuidados ou proteção. Ainda que Miller nos alerte que, algumas vezes, os pais reproduzem com os filhos as situações vivenciadas em suas próprias infâncias – ou seja, de

certa forma, ela os ‘isenta’ de culpa – não há como negar que essas ações violentas produzem emoções contraditórias nas crianças que ora amam e ora odeiam seus pais. Deste modo, a criança, ao sentir a rejeição via agressões e violência de toda ordem, se depara com a possibilidade de ser rejeitada, de ‘perder a mãe’, ou seja, se depara com o perigo de morte.

A história das infâncias precisa ser conhecida e retomada por meio, única e exclusivamente, da verdade. Verdade que se faz essencial para que a infância não se torne uma prisão cruel, invisível e nefasta e que, assim, gere uma desenfreante cadeia de repetição do ódio e da violência vivenciados. Ao adulto que é impedido de retomar verdadeiramente a história de sua infância cria-se a possibilidade da edificação do falso self e impedindo a instalação do processo de individuação, processo esse muito importante para a constituição do sujeito. Além disso, as reações emocionais reprimidas sobre a violência e desamparo vivido na infância criam um latente potencial destrutivo. Esse poder destrutivo, além de voltar-se contra a própria pessoa pela via do adoecimento do corpo, pode ganhar também dimensões maiores e se voltar a grupos, povos e sociedades.

Nossa sociedade atual, estando calçada numa visão neoliberal das pessoas e das relações, estabelece formas isoladas e narcísicas de ser e de conviver. Portanto, tornaram-se inevitáveis as reflexões: de que maneira os educadores deveriam cuidar para não se deixar capturar pela autoridade como sinônimo de ordem? A psicanálise pode ajudar o educador a perceber que a constituição do sujeito passa por um ambiente educacional que, para além de sua função social, pode ser também reparador e, portanto, deve olhar para as crianças e suas feridas? De que forma ele – educador – pode constituir-se enquanto uma testemunha auxiliadora que reinventa sua autoridade e assume essa nova perspectiva? É possível colocar o sofrimento do sujeito no núcleo dos processos de subjetivação e nos processos educacionais? Os educadores e equipe gestora devem atuar na reparação das feridas da dignidade das crianças, feridas nascidas das atitudes de desamparo, agressão e violência dos pais? Para responder a esta questão retomarei três concepções fundamentais da psicanálise. A primeira trata dos conceitos psicanalíticos sobre as teorias sexuais infantis, Édipo e transferência. Por meio deles, sabemos que a criança reedita, na relação com os professores, sentimentos já vividos nas relações parentais da infância. Assim, ao ingressar na escola a criança tem a possibilidade de reviver ou ressignificar relações que manteve com seus pais nos primeiros anos de vida. É como se à criança fosse dada uma nova oportunidade de encontrar alguém que, finalmente, pudesse lhe dar respostas para aquilo tudo que ela ainda não consegue saber, para que consiga preencher o vazio e a incompletude que a acompanha e causa angústia. Nas palavras de Monteiro (2002),

A criança vê no professor a possibilidade de realizar o desejo dos pais e supõe que estes estejam dizendo que é o professor que tem o saber sobre como se torna adulto (em relação ao desejo). Para o aluno, o professor é o sujeito do suposto saber. (MONTEIRO, 2002, p.14).

Diante disso fica evidente que os educadores têm, na essência do seu ofício, a possibilidade (ou quem sabe, a obrigação) de atuar, também, na função reparadora da dignidade das crianças. Para isso, a maneira como irão encaminhar essa relação de transferência, que é uma das características inerentes da relação aluno-

professor, será decisiva. Pois, se a criança supõe nos seus professores um suposto saber sobre ela e sobre as coisas da vida, estes, por sua vez, poderão ter nelas um terreno fértil para a manutenção da submissão e obediência ou, então, uma porta aberta para o desenvolvimento da autonomia.

Por meio dos estudos de Miller vimos que as orientações da pedagogia “negra” orientam os adultos a manter as crianças numa submissão incondicional. Submissas e diante da impossibilidade de se sentirem livres para amar as pessoas que lhes fazem bem ou para odiar aqueles que as oprimem, às crianças resta apenas reproduzir o mal e a violência que a elas foi imposto. Diante disso, fica evidente que o professor, frente a essa situação, pode auxiliar o rompimento dessa cadeia de violência se ele olhar, verdadeiramente, para a criança e para seu sofrimento e não apenas para um ser aprendiz. Para isso, este professor precisa ele mesmo, se sentir autônomo e livre.

Outro conceito psicanalítico potente que responde à todas esses questionamentos é aquele no qual Mannoni (1995) fala da superação do trauma via desejo de reparação.

Superar o trauma numa produção que possa ter valor artístico supõe que se recrie a experiência inicial de desamparo. Há seres humanos que, apesar de seu talento, não conseguem produzir nem se libertar daquilo que, para eles, foi precocemente destrutivo. Outros, graças a um desejo de reparação, conseguem transpor o terror da criação. E outros, enfim, permanecem prisioneiros do trauma sofrido, repisando-o monotonamente. Na falta de um lugar reservado ao fantasiar, irrompe o fantástico: falta uma Outra cena para que o brincar possa desdobrar-se. [...] Como podem o horror e o desamparo vividos na infância constituir o próprio material da obra artística? Formularei esta pergunta mostrando o impasse em que ficam alguns, condenados à repetição, fora do campo invenção artística, enquanto outros se libertam através da criação estética. (MANNONI, 1995, p.11).

Saber que a criação, via arte, pode funcionar como um alicerce e, assim, libertar a criança do trauma, pois lhe proporciona reviver/sentir o ódio ou raiva pelos seus pais ou cuidadores, representa um conhecimento da maior grandeza. Abordar a arte não apenas pelo seu sentido estético, mas também, aceitá-la como uma das possibilidades de encontrar o caminho da cura é uma noção que todos os professores deveriam conhecer e estudar. A educação deve ser vista como parte de um processo que auxiliará a criança a constituir-se como sujeito. Pois ela possui, em sua essência, relações das mais variadas ordens, entre elas, a relação de transferência que, conforme dito anteriormente, é quando ao aluno é dada a oportunidade de transferir ao seu professor ou professora todo amor e ódio vivido em relação aos pais nos seus primeiros anos de vida.

Uma criança ferida não aprende. E o professor que não olha para essas feridas contribui para a manutenção da cadeia da violência, da destruição da criança e que, assim, contribui também para a produção do fracasso escolar. O fracasso escolar é, antes de tudo, a impossibilidade do aluno constituir-se enquanto sujeito que tem voz, vez e é senhor da sua palavra. O fracasso escolar, em tese, diz respeito a impossibilidade dessa criança olhar para o seu desejo e autorizar-se a sentir amor ou ódio, medo ou coragem, de saber que

pode ter dentro de si uma infinidade de sentimentos e que estes podem ser expressos livremente. O fracasso escolar representa para a criança a perda de si mesma.

Vemos, então, que ao espaço escolar é dada a possibilidade de se tornar um espaço de encontro. Do encontro do aluno com seu professor, do professor com seus alunos, dos alunos e dos professores consigo mesmos. Encontros que construam um ambiente de qualidade produzindo efeitos no ato de ensinar, de aprender e de educar. Decidindo agir como testemunha auxiliadora com aquela criança que sofre, o professor transforma a escola e suas relações num lugar privilegiado de encontro. Um lugar no qual as ações dos professores não são meras intervenções pedagógicas. Mas são, essencialmente, encontros efetivos e afetivos e que podem acontecer por meio do esporte, da música, da poesia, do teatro, da religião, da brincadeira e do estar-junto. Espaço onde a fala e a escuta são essenciais e colocam a criança no lugar de fala reconhecendo-a, verdadeiramente, como senhora da palavra.

Deste modo, minhas considerações sobre a terceira concepção psicanalítica que desejo destacar diz respeito aos encontros. Penso que, assim como a psicanálise, a educação pode e deve contribuir para entender e libertar as crianças do sofrimento que as aprisiona. Os encontros entre alunos e professores podem livrar as crianças e os adultos das prisões da indiferença, do abandono e do desamparo. Para que esse encontro aconteça é preciso, antes de mais nada, que o adulto olhe para além dessa criança e reconheça nela um sujeito. Mas, é fundamental também que o educador, ele próprio, olhe pra si mesmo e se reconcilie com sua própria infância. Nas palavras de Miller,

A experiência nos ensina que temos apenas uma única arma duradoura na luta contra as doenças mentais: a descoberta e aceitação da história, única e específica, de nossa infância. [...] Não podemos mudar em nada nosso passado, não podemos desfazer os males que nos foram imputados na infância. Mas, podemos nos mudar, “consertar”, reconquistar nossa integridade perdida. Isso é possível à medida que decidimos observar mais de perto o conhecimento sobre o passado arquivado em nosso corpo, e coloca-lo mais perto de nossa consciência. (MILLER, 1997, p.15).

Não é incomum que o adulto-professor traga marcas de uma infância sofrida e que repita sobre seus alunos, (crianças, jovens ou adultos) as crueldades que recebeu naquela fase de sua vida. É a compulsão à repetição apontada por Miller. Essas marcas dizem respeito à impossibilidade de vivenciar sentimentos de raiva, ódio ou desapontamento com seus pais, diante do medo da perda do amor deles, diante do temor do abandono. Assim, ao terem seus sentimentos mutilados, os professores mutilam os sentimentos de raiva e ódio que seus alunos possam vir a sentir em relação a eles ou a suas atitudes. E, assim, se instalam novas marcas nessas crianças.

Muitas são as interpretações e comentários sobre a afirmação de Freud em duas de suas obras - uma delas a já citada “Análise terminável e interminável” (1937) – sobre os três ofícios impossíveis: governar, educar e psicanalisar tentando entende-la especialmente no meio educacional. Kupfer (1991) tratou esse tema sob o aspecto da impossibilidade do professor de controlar o desejo do aluno denotando, assim, em uma impossibilidade de uma aprendizagem efetiva. Aqui quero trazer o aspecto apontado por Lajonquière

(1999) quando fala dessa impossibilidade estar localizada no controle dos efeitos da nossa fala sobre nós mesmos e também sobre os outros. Aspecto importante quando reconhecemos a teoria do inconsciente. A educação (assim como a política e a psicanálise) tem, em sua essência, a palavra como sua ferramenta principal, pois, segundo a psicanálise, se o educador não fala, a experiência do aprender não se ordena. Daí a tese freudiana de que esses três ofícios estão na esfera do impossível. Mas, eles existem. Portanto, àquele ou àquela que assume o ofício de educar compete, essencialmente, compreender que há impactos do direcionamento da sua fala à criança. Assim, é fundamental que se observe de que forma a palavra é endereçada à criança e, mais que isso, como são os retornos que virão a partir dela. Para que isso aconteça pensamos ser importante que o educador(a) possa estar psicanaliticamente orientado. Orientação esta que o auxiliará no seu encontro consigo mesmo por meio da reconciliação com sua infância, com a criança que foi um dia. E, assim, possibilitando o encontro com aquela criança que está à sua frente.

Mannoni, em seu texto “Amor, ódio e separação” oferece indicações a todos educadores sobre o lugar que devem ocupar na relação com as crianças.

Não basta que o adulto fale. É preciso, ainda, que ele providencie em sua fala o lugar de uma mediação possível entre o sujeito e o outro, para não mergulhar, ele mesmo, numa violência que elimine o outro como sujeito.

Reencontrar a linguagem das crianças – nunca é demais dizê-lo – é começar por escuta-las, reencontrando a criança e a “loucura” em si mesma. (MANNONI, 1995, p.104).

Diante disso, é necessário ratificar que ao educador cabe, definitivamente, atuar na contramão dos ditames da pedagogia “negra” que impõe regras educacionais baseadas na submissão, no autoritarismo, no adestramento e na visão da criança como um “não-outro” produzindo estragos nas pessoas e nas civilizações. Assim, além do que já buscamos na teoria psicanalítica para orientar e balizar a atuação do educador tendo em vista o lugar que ele ocupa no imaginário das crianças, desejamos também apresentar, a título concluir nossas considerações finais, o quanto a psicanálise, nas palavras de seu fundador, nos abre possibilidades de pensar a educação não como uma medida psicoprofilática que visa prevenir neuroses e perversões, mas antes, oferece suportes para pensar o alcance e atuação dela nos indivíduos e nas sociedades.

Apesar de colocar a educação como uma das ações impossíveis, Freud não desconsiderou que ela poderia atuar de forma menos repressora e mais sublimadora e, assim, se colocar na condição de contribuir na formação de um ser humano “...civilizado e útil para a sociedade.” (FREUD, 1909, p.144) mirando o equilíbrio das crianças no processo civilizatório. Para isso ele propõe que os agentes educacionais, pais e professores, deveriam passar por análise pessoal. Para Freud as produções artísticas e intelectuais podem atuar como atividades de sublimação. Para ele a sublimação atua como uma via de escape às repressões.

Um bom início é a compreensão, por parte dos educadores, sobre as relações transferenciais envolvidas no ato de educar, que estão para além de ensinar conteúdos, fórmulas e regras. Relações que não se concentram apenas no domínio das ciências que eles ensinam nas escolas. Para tanto é importante também que haja estudo sobre os principais conceitos psicanalíticos propostos por Miller que tratam da tragédia que

significa o ‘não ‘ouvir’ o que as crianças têm a nos dizer sobre seus sentimentos. Sobre não acolher esses sentimentos sejam eles de amor ou ódio. Sobre não olhar para as feridas na dignidade das crianças que são maltratadas e violentadas em seu direito de ‘ser’. E quando ao educador não é dada a possibilidade do acesso a esses conhecimentos? E quando ao educador, especialmente, o brasileiro é imputada tantas outras atribuições administrativas e burocráticas seguidas de falta de reconhecimento e consideração? Para responder ousamos parafrasear Alves (2004): “professor, cuide de seus olhos, boca e coração” e siga a orientação do pai da psicanálise,

Se considerarmos agora os difíceis problemas com que se defronta o educador – como ele tem de reconhecer a individualidade constitucional da criança, de interferir, a partir de pequenos indícios, o que é que está se passando na mente imatura desta, de dar-lhe a quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade -, haveremos de dizer a nós mesmos que a única preparação adequada para a profissão de educador é uma sólida formação psicanalítica. Seria melhor que o educador tivesse sido, ele próprio, analisado, de vez que o certo é ser impossível assimilar a análise sem experimentá-la pessoalmente. A análise de professores e educadores parece ser uma medida profilática mais eficiente do que a análise das próprias crianças, e são menores as dificuldades para pô-la em prática. (FREUD, 1933, 1996, p.147).

Miller afirma que quando o adulto, por meio da análise, puder enfrentar a verdade de sua infância e finalmente puder se sentir ouvido e acolhido em seus direitos e necessidades, somente assim desenvolverá uma genuína capacidade de, verdadeiramente, ouvir o outro e com ele estabelecer uma relação de acolhimento e de cuidados. Para o bem de todos!

## Referências

- FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar**. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II [1914]). Obras Completas – Volume XII. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 67-150). Rio Janeiro: Imago. 1996 (1929).
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. Obras Completas - Vol. XI. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias a psicanálise (1933)**. Obras completas vol. XVIII. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1975). **Análise terminável e interminável** (M. A. M. Rego, Trad.). In J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 239-288). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1937).

KUPFER, M. C. **O desejo de saber**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1991.

LAJONQUIÈRE, L. de. **Infância e ilusão (psico)pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MANNONI, Maud. **Amor, ódio, separação. O reencontro com a linguagem esquecida da infância**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MANNONI, Maud. **La educación imposible**. Tradução de Pilar Soto. México: Siglo XXI, 1997.

MASSCHELEIN, Jan e SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

MILLER, Alice. **A revolta do corpo**. Tradução de Gercélia Batista de Oliveira Mendes. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MILLER, Alice. **No princípio era educação**. Tradução de Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. Tradução de Cláudia Abeling. São Paulo: Summus, 1997.

MILLER, Alice. **A verdade liberta**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MILLER, Alice. **Não perceberás: variações sobre o tema do paraíso**. Tradução de Inês AntoniaLohbauer. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MILLER, Alice. **Resolvendo o legado do abuso infantil**. 2006. Disponível em <<https://www.alicemiller.com/resoudre-les-sequelles-causees-par-la-maltraitance-infantile>>. Acesso em 17 maio 2019.

MILLER, Alice. **Nosso corpo nunca mente – Um desafio**. 2005. Disponível em <<https://www.alicemiller.com/notre-corps-ne-ment-jamais-un-defi/>>. Acesso em 17 maio 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WINNICOTT, Donald. W. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, Donald. W. **O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed Editora, 1983.

WINNICOTT, Donald. W. **Os bebês e suas mães**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo e Revisão técnica de Maria Helena Souza Patto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WINNICOTT, Donald. W. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Submetido: 06/06/2021

Aceito:12/04/2022